

Área: Lingüística, Letras e Artes.

Projeto: MÁQUINAS DE LEMBRAR: AS OPERAÇÕES CINEMATOGRAFICAS NA ESCRITA MEMORIALÍSTICA DE RACHEL JARDIM

Orientador: FERNANDO FÁBIO FIORESE FURTADO

Bolsistas: ANGIE MIRANDA ANTUNES

Resumo:

Desde os encontros inaugurais do pensamento e da literatura com as máquinas de visão (fotografia e cinema) no século XIX, as operações mecânicas têm sido empregadas como metáforas dos processos da psique e da mimesis verbal. Enquanto n'Ó mal-estar na civilização, Freud refere-se à câmara fotográfica como uma das “materializações do poder que ele [o homem] possui de rememoração, isto é, sua memória” (FREUD, 1997 : 16-17), Bergson propugna pela analogia entre o aparelho cinematográfico e as manobras da percepção, do pensamento e da linguagem para tratar da realidade, tal nos diz em A evolução criadora: “Tomamos vistas quase instantâneas da realidade que passa e, como elas são características dessa realidade, basta-nos enfileira-las ao longo de um devir abstrato, uniforme, invisível, situado no fundo do aparelho do conhecimento, para imitar o que há de característico nesse devir ele próprio. Percepção, intelecção, linguagem geralmente procedem assim. Quer se trate de pensar o devir, quer de exprimi-lo, quer mesmo de percebê-lo, não fazemos realmente nada além de acionar uma espécie de cinematógrafo interior. Resumiríamos então tudo o que precede dizendo que o mecanismo de nosso conhecimento usual é de natureza cinematográfica” (BERGSON, 2005 : 331). Ainda segundo Bergson, a “nossa memória tem o costume de alinhar em um espaço ideal os termos que percebe sucessivamente, porque sempre se representa a sucessão passada sob forma de justaposição. Pode, aliás, fazê-lo, justamente porque o passado é algo já inventado, morto, e não mais criação e vida” (BERGSON, 2005 : 368-369). Neste sentido, pretende-se seja possível também surpreender similaridades entre os modos de textualização da memória e as operações da máquina-cinema, tais como: tensão entre campo (visual) e fora-de-campo, microscopia de detalhes, gestos e objetos, dinâmica da seqüencialidade e da simultaneidade (com efeitos diversos sobre a economia de exposição do espaço e do tempo), manipulação de temporalidades (em particular através dos cortes e da montagem), investimento na construção de dramatis personae e engendramento das grandes configurações do imaginário ocidental. Sempre tensionado entre o registro memorialístico e a prosa de ficção, o livro Os anos 40: a ficção e o real de uma época (1973), de Rachel Jardim, parece-nos convidar para tal abordagem, na medida em que a própria autora o define em obra posterior, Vazio pleno: relatório do cotidiano, como produto do desejo de “recriar a vida através do cinema” (JARDIM, 1976, p. 135). Na medida em que cresce, ao título de sua primeira obra, o subtítulo “a ficção e o real de uma época”, a autora não apenas indica a precedência da ordem imaginária em relação ao relato testemunhal, transtornando o pacto de leitura em geral atribuído aos gêneros pessoais. Trata também de afirmar o parentesco deste modo de textualização da memória com o artifício cinematográfico, conforme os primeiros usos do cinema na cena da passagem do século XIX ao XX: registro documentário de uma realidade transitória – cujo paradigma são as vues dos irmãos Lumière – ou criação da fantasia, exemplificada pelas féeries de Georges Méliès.

Tanto as pistas oferecidas por Rachel Jardim ao longo d'Os anos 40 quanto as características do cinema neo-realista italiano, consoante os estudos de André BAZIN (1997) e Gilles DELEUZE (1990), permitem o deslinde desta escrita memorialística a partir das operações fílmicas da referida “escola italiana”, a saber: a) uso da câmera como recurso documentário; b) simplificação da linguagem, com redução ou ausência de sutilezas literárias; c) despojamento do enredo e das personagens; d) analogia com a crônica e a crítica de costumes; e) relação indecível de amor e de recusa do real; f) proximidade com o melodrama; g) emprego da “imagem-fato”; h) prevalência da observação e do relato sobre a ação.

Referências bibliográficas

- BAZIN, André. Qu'est-ce que le cinéma? Paris : Les Éditions du Cerf, 1997.
- BERGSON, Henri. A evolução criadora. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo :Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo: cinema 2. Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo : Brasiliense, 1990.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro : Imago, 1997.
- JARDIM, Rachel. Os anos 40: a ficção e o real de uma época. Rio de Janeiro : José Olympio, 1973.
- . Vazio pleno: relatório do cotidiano. Rio de Janeiro : Imago, 1976.